

CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL NA INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS BRASILEIRA (2000-2011)

Pascoal José Marion Filho

Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/ USP) - pascoaljmarion@yahoo.com.br

Ana Carolina Moura

Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria - anacarolinamoura00@gmail.com

Maríndia Brites

Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria - marii.brites@gmail.com

Rodrigo Klein Lorenzoni

Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria - lorenzoni.rodrigo@gmail.com

Roberto Osmino Schaefer

Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - robertoschaefer@hotmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo avaliar a concentração e a centralização do capital na indústria de laticínios brasileira no período de 2000 a 2011. A concentração é determinada a partir da Razão de Concentração (RC) dos quatro, oito e doze maiores laticínios, utilizando-se como indicador a captação de leite. Avalia-se a centralização do capital com base nos movimentos de fusões e aquisições e pela formação de *joint ventures*. Conclui-se que houve uma redução da concentração na indústria entre 2000 e 2004, com as doze maiores empresas do ranking perdendo participação de mercado para as demais. Entretanto, a partir de 2005 o mercado passa a se concentrar e esse processo pode ser explicado, pelo menos em parte, pela centralização do capital ocorrida a partir de fusões e aquisições.

Palavras-chave: Indústria de laticínios. Concentração da produção. Centralização do capital.

ABSTRACT

The article aims to evaluate the concentration and the centralization of capital in the Brazilian dairy industry in the period 2000-2011. The concentration is determined from the Concentration Ratio (CR) of four, eight and twelve biggest dairy, using as indicator the milk catchment. Assesses the centralization of capital based on mergers and acquisitions and the formation of joint ventures. We conclude that there was a reduction in the concentration in the industry between 2000 and 2004, with twelve major companies ranking losing market share to the other. However, from 2005 the market starts to concentrate and this process can be explained, at least in part, by the centralization of capital occurred from mergers and acquisitions.

Keywords: Dairy industry, Concentration of production, Centralization of capital.

1 INTRODUÇÃO

O leite é um produto importante para o Brasil, tanto pelas suas características alimentares quanto pela geração de empregos e renda. De acordo com dados da Food and Agriculture Organization (FAO, 2012), em 2010 o país era o quinto maior produtor mundial de leite (atrás dos Estados Unidos, Índia, China e Rússia), com uma produção estimada em 31.667.600 toneladas. Com relação à produtividade, houve um aumento de 21% nos últimos dez anos, passou de 1.105 kg/vaca/ano em 2000 para 1.340 kg/vaca/ano em 2010, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012).

Embora o Brasil tenha aumentado a produtividade, ainda está muito distante dos líderes mundiais. Em 2010, a produtividade na Arábia Saudita era de 14.964 kg/vaca/ano, em Israel 10.336 kg/vaca/ano e nos Estados Unidos 9.593 kg/vaca/ano, além dos vizinhos Argentina e Uruguai, com 4.496 e 2.383 kg/vaca/ano, respectivamente (EMBRAPA, 2012).

Desde a virada dos anos 1990, o sistema agroindustrial do leite no Brasil passou por profundas mudanças estruturais, resultando num ambiente competitivo completamente novo. Primeiro houve a desregulamentação do mercado, liberando os preços após quase meio século de controle estatal, acirrando a concorrência entre as empresas em todos os elos da cadeia de produção de leite. Ao mesmo tempo ocorreu a abertura comercial ao exterior e a consolidação do Mercosul, que incrementaram a concorrência com produtos importados. Por fim, o plano Real trouxe a redução da inflação e a estabilização da economia (JANK; GALAN, 1999).

De acordo com Santana (2003), o setor lácteo foi um dos mais impactados pelo processo de abertura no final da década de 1980 e início dos anos 1990. O setor encontrava-se despreparado para enfrentar produtos importados, uma vez que estes recebiam fortes subsídios em seus países de origem e, em alguns casos, entravam no mercado nacional com baixa taxa de importação.

Para Jank e Galan (1999), o processo de concentração na indústria de laticínios brasileira é intenso, com algumas empresas se destacando devido às estratégias agressivas de ação, tanto na compra da matéria-prima como na disputa pelos mercados finais. Segundo a Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ANGRAD, 2008), essa é uma tendência mundial da indústria, já que as empresas buscam economias de escala e de escopo.

Marion Filho e Matte (2006) constataram uma forte relação entre as mudanças institucionais ocorridas no cenário político-econômico brasileiro e a reorganização da indústria láctea a partir do início da década de 1990. A desregulamentação do mercado, a estabilidade monetária e a abertura comercial exigiram reestruturações nunca antes experimentadas pelo setor de laticínios brasileiro.

No que se refere à estrutura de mercado, um elevado grau de concentração pode ser socialmente indesejável, ocorrendo uma alocação ineficiente de recursos devido à falta de competição. Mas também pode refletir o crescimento das firmas até um tamanho suficiente, que garanta um nível de produção mais eficiente, trazendo assim benefícios.

A concentração pode resultar da expansão da empresa pelo aumento do investimento na unidade produtiva ou pode ocorrer pela fusão, aquisição ou formação de *joint ventures*. Esses processos ocorrem de forma diferenciada em cada indústria, dependendo das características e do ambiente no qual a mesma se insere, o que justifica o seu estudo. Assim, tem-se como objetivo avaliar a concentração e a centralização do capital na indústria de laticínios brasileiro período de 2000 a 2011.

O artigo está dividido em quatro seções, sendo a introdução a primeira delas. A segunda seção traz o referencial teórico, caracterizando os processos de centralização e concentração, as medidas de concentração e os procedimentos metodológicos adotados. Na terceira seção, têm-se os resultados e discussão e, por fim, na quarta seção, apresenta-se a conclusão da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira subseção apresenta os conceitos de concentração e centralização do capital. A segunda traz medidas de concentração: Razão de Concentração (RC), Índice de Herfindahl-Hirschman (HH), Índice de Joly (J) e Coeficiente de Entropia (E). Os procedimentos metodológicos são descritos na terceira subseção.

2.1 CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL

A concentração resulta do crescimento dos capitais individuais, pelo aumento do investimento nas unidades produtivas ou pela agregação de outros capitais. Para Marx (1996, p. 256-257):

Todo capital individual é uma concentração maior ou menor de meios de produção com comando correspondente sobre um exército maior ou menor de trabalhadores. Toda acumulação torna-se meio de nova acumulação. Ela amplia, com a massa multiplicada da riqueza, que funciona como capital, sua concentração nas mãos de capitalistas individuais e, portanto, a base da produção em larga escala e dos métodos de produção especificamente capitalistas.

A centralização do capital é a concentração de capitais já constituídos, a transformação de muitos capitais menores em poucos capitais maiores. O capital se expande em uma mão enquanto são perdidos por muitas mãos, ou ainda, os capitais maiores derrotam os menores (MARX, 1996). Na visão de Kon (1999), a centralização do capital resulta da luta gerada na concorrência pelo barateamento das mercadorias, que depende do aumento da escala de produção e da produtividade.

Com a concentração do capital vão surgindo estruturas de mercado cada vez mais oligopolizadas, formada por um número reduzido de empresas em determinado setor de produção, o que aumenta a possibilidade de combinações entre empresas que desejam dominar a concorrência (KON, 1999).

Quando os principais concorrentes fazem fusões (ou aquisições) entre si, a concentração aumenta. O poder de mercado obtido através desse processo pode ser socialmente indesejável se as firmas estiverem entre as líderes de uma indústria já concentrada. Por outro lado, fusões de pequenas firmas em uma indústria concentrada

podem ser socialmente benéficas se elas forem capazes de competir com as firmas maiores (BYRNS; STONE JR, 1996).

O aumento da concentração na indústria leva a uma conduta interdependente das firmas, no que diz respeito a preços e produção, e traz consequências prejudiciais pela falta de competição, pois a alocação dos recursos não ocorre da forma mais eficiente, já que os preços tendem a serem superiores e a produção inferior em relação a situações competitivas, possibilitando a sobrevivência de firmas menos eficientes. Essa falta de competição pode desestimular a inovação e a melhoria de processos de produção e de produtos, assim como afetar o desenvolvimento organizacional e gerencial (KON, 1999).

No entanto, por outro lado, a alta concentração pode refletir o crescimento das firmas até um tamanho suficiente, que garanta o nível mais eficiente de produção que gere economia de escala, proporcionadas particularmente pelo desenvolvimento tecnológico, e que acarretem menores custos e preços com um maior nível de produção. Apesar disto, um nível superior de concentração não é resultado somente de economias de escala com maiores plantas, mas também de um número maior de plantas sob uma propriedade comum, implicando em economia de escala em marketing (KON, 1999).

Ainda de acordo com o autor (p. 57):

A existência de alta concentração não envolve necessariamente ineficiência ou práticas oligopolistas, pois as firmas líderes, além da obtenção de economias de escala, podem ser motivadas à busca da inovação tecnológica e da modernização, encontrando condições favoráveis para isto face à condição privilegiada de poder.

Conforme Leite (1998 apud SANTANA, 2003), mudanças nos níveis de concentração podem alterar os níveis de competição entre as empresas. Entre os fatores que podem influenciar o grau de concentração, destacam-se: i) o crescimento interno das empresas, que modifica o seu tamanho e sua participação no mercado; ii) fusões e aquisições entre as empresas; iii) redução do mercado, com a sobrevivência das maiores firmas; iv) formação de *joint ventures* entre as empresas; v) políticas governamentais antitrustes; vi) economia de escala; e, vii) desenvolvimento tecnológico, pesquisa e inovação.

A diminuição da concentração pode ocorrer caso se manifestem fatores que operam na direção contrária: i) a entrada de novas firmas na indústria; ii) crescimento do tamanho do mercado; iii) o fechamento de grandes empresas e o rápido crescimento das médias ou menores; e, iv) redução nos custos de transportes e de outras tarifas ou qualquer outra barreira comercial (KON, 1999).

2.2 MEDIDAS DE CONCENTRAÇÃO

Segundo Kon (1999), a mensuração da concentração fornece os elementos empíricos necessários para avaliar a situação de competição de um mercado, bem como realizar comparações em que se permita a análise da dinâmica do processo de concentração pelo lado da oferta.

Para Resende e Boff (2002), as medidas de concentração industrial podem indicar preliminarmente os setores para os quais se espera que o poder de mercado seja

significativo. Porém, os autores apontam pelo menos três razões para que ele ocorra: i) se for fácil a entrada em determinado mercado, nenhuma empresa poderá exercer o seu poder de mercado, independente da sua participação; ii) uma elevada parcela de mercado por parte de uma empresa pode ser decorrente de custos reduzidos e produtos de qualidade superior, e não de poder de mercado; e, iii) o cálculo de medidas de concentração pressupõe a delimitação do mercado e ignora a influência exercida por substitutos próximos, comercializados em outros mercados.

As medidas de concentração podem ser classificadas, segundo Resende e Boff (2002), em parciais ou sumárias e positivas ou normativas. As medidas parciais não levam em conta a totalidade de empresas atuantes na indústria, apenas parte delas, a exemplo da Razão de Concentração. Já as medidas sumárias utilizam dados sobre todas as empresas atuantes, como o Índice de Herfindahl-Hirschman. As medidas de concentração positivas expõem a participação percentual das empresas na indústria. Portanto, nem sempre são adequadas para uma avaliação econômica do desempenho industrial. Por fim, as medidas normativas visam avaliar normativamente o desempenho industrial, seja do ponto de vista dos produtores ou dos consumidores, ou uma avaliação social, levando em conta os interesses de todos agentes.

De acordo com Kon (1999, p. 59-60):

Os indicadores selecionados como base de mensuração usualmente seguem três critérios: a capacidade produtiva, o número de empregados e os ativos possuídos. A capacidade produtiva pode se relacionar à quantidade física de produção (no caso de produtos homogêneos) ou a valores monetários, como por exemplo, o valor de vendas, o valor adicionado, entre outros (quando a comparação se faz entre produtos não complementares homogêneos). O número de empregados é frequentemente utilizado para mensurar o poder das empresas, porém esta medida é influenciada pelas técnicas empregadas, pelo grau de automatização de diferentes firmas, o que pode não refletir adequadamente o grau de concentração de mercado. Por sua vez, a escolha de indicadores de ativos possuídos está ligada à capacidade produtiva, porém apresenta também a dificuldade de não comparação entre diferentes técnicas de produção.

Na sequência, apresentam-se as medidas de concentração mais utilizadas na literatura: Razão de Concentração, Índice de Herfindahl-Hirschman, Índice de Joly e Coeficiente de Entropia.

2.2.1 RAZÃO DE CONCENTRAÇÃO (RC)

A Razão de Concentração determina a parcela de mercado das maiores firmas da indústria em relação ao total da indústria, ou seja, expressa a parcela de mercado das k maiores firmas da indústria:

$$RC(k) = \sum_{i=1}^k P_i \quad (1)$$

Onde: RC = Razão de Concentração; k = número de maiores firmas; e, P_i = participação da firma i no mercado.

Segundo Kon (1999), esta medida estabelece o mesmo peso para todas as firmas, e não é afetada pelo aumento ou redução de firmas em uma indústria. Para um dado

número de firmas em uma indústria, quanto maior o valor de RC (expresso em porcentagem), maior é a proporção do mercado abrangida pelas firmas, o que significa maior concentração de mercado.

Resende e Boff (2002) apontam algumas deficiências dessa medida de concentração: i) ela ignora a presença das k-n empresas de menor porte da indústria que não fazem parte do cálculo. Assim, fusões horizontais ou transferências de mercado entre as empresas não modificarão o valor do índice, se caso a participação de mercado da nova empresa ou das empresas beneficiárias se mantiverem abaixo da k-ésima posição; ii) não individualizam a participação relativa de cada empresa no grupo das k maiores. Deste modo, transferências de mercado que ocorrerem dentro do grupo não são captadas pela medida.

2.2.2 Índice de Herfindahl-Hirschman (HH)

Esse índice é definido pela soma dos quadrados da participação de cada firma relativo ao tamanho total da indústria. O índice leva em conta todas as firmas da indústria (KON, 1999). A fórmula do cálculo do índice HH é a que segue:

$$HH = \sum_{i=1}^n P_i^2 \quad (2)$$

Onde: HH = Índice de Herfindahl-Hirschman; n = número de firmas na indústria; e, P_i = participação da firma i no mercado.

Ao elevar ao quadrado a parcela de mercado de cada empresa atribui-se um peso relativamente maior às empresas que mais vendem (ou produzem). Assim, o índice é determinado tanto pelo número de empresas quanto pela dispersão relativa da repartição do mercado entre elas (RESENDE; BOFF, 2002).

Se houver apenas uma firma na indústria, o índice é 1 (um), valor máximo. O menor valor da medida é igual a $1/n$, quando as firmas têm participação igualitária, aumentando de acordo com o crescimento da desigualdade entre elas. Portanto, o índice HH também pode ser utilizado para avaliar a desigualdade dentro de um grupo de empresas ou na indústria.

2.2.3 ÍNDICE DE JOLY (J)

Esta medida considera o tamanho absoluto de cada uma das empresas que fazem parte da indústria. O índice é calculado a partir da seguinte fórmula:

$$J = \frac{\sum_{i=1}^n (X_i)^2}{\left(\sum_{i=1}^n X_i\right)^2} \quad (3)$$

Onde: J = Índice de Joly; n = número de firmas; e, X_i = tamanho absoluto do indicador da firma i .

Quanto maior o valor encontrado para o índice, maior a concentração na indústria, e vice-versa. O índice varia de 1, máxima concentração (monopólio), a $1/n$, menor concentração ou perfeita igualdade. Os resultados deste índice são iguais aos obtidos pelo índice HH, o que justifica a não utilização de ambos na análise da concentração da indústria ou do setor.

2.2.4 COEFICIENTE DE ENTROPIA (E)

É uma medida que permite comparar os diferentes graus de concentração da indústria no tempo. O coeficiente é obtido conforme a fórmula a seguir:

$$E = \sum_{i=1}^n P_i \ln \frac{1}{P_i} \quad (4)$$

Onde: E = Coeficiente de Entropia; n = número de firmas; e, P_i = participação da firma *i* no mercado.

Os resultados representam o inverso da concentração, ou seja, quando maior o valor menor a concentração. Logo, quando E=0 a concentração é máxima (monopólio) e quando E=ln(n) a concentração é mínima.

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Faz-se uma análise descritiva da concentração e uma pesquisa bibliográfica para avaliar a centralização do capital. Por ser o leite um tanto homogêneo, adota-se como indicador para o cálculo da concentração o volume de captação pelos laticínios, o qual também serve como *proxy* da capacidade produtiva das empresas.

Para medir a concentração utiliza-se a Razão de Concentração (RC) e para avaliar a desigualdade entre os laticínios de cada grupo aplica-se o Índice de Herfindahl-Hirschman (HH). Logo, após a coleta dos dados referentes aos maiores laticínios do Brasil, com base no volume de leite captado, disponíveis no *site* Leite Brasil, e os dados da produção de leite bovino nacional (produção total e industrializada) fornecidas pelo IBGE, são calculados os CR4, CR8 e CR12 e os índices HH para cada um dos grupos, dos quatro maiores laticínios, oito e doze, para os anos de 2000 a 2011.

Para avaliar a centralização do capital no período (2000 – 2011), faz-se uma revisão de literatura sobre *joint venture* e movimentos de fusões e aquisições (F&A) nos maiores laticínios do Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção traz os resultados e a discussão sobre a centralização do capital e a concentração para as quatro, oito e doze maiores empresas da indústria de laticínios brasileira, incluindo a desigualdade dentro de cada um dos grupos, no período de 2000 a 2011.

3.1 CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL

Para Rodrigues (1999), a intensa participação de investidores estrangeiros em fusões e/ou aquisições nas indústrias de bebidas e alimentos (que inclui a de laticínios) nos anos 1990, foi incentivada pela expansão da demanda interna no período e pelo alto potencial de crescimento do mercado, no médio e longo prazo, em comparação à tendência de estagnação das vendas nas economias centrais. As elevadas taxas de rentabilidade em alguns segmentos também contribuíram para a atração de investimentos estrangeiros.

A maior presença de capital estrangeiro no setor também foi destacada por Jank e Galan (1999). Para os autores, em 1998 havia uma tendência de concentração na indústria de laticínios através de aquisições e alianças estratégicas, com um aumento do grau de concentração e forte presença de multinacionais no decorrer da década.

Em 2002 houve a implantação da *joint venture* DPA (*DairyPartnersAmericas*), sendo resultado da associação de duas das maiores potências mundiais na cadeia láctea: de um lado a multinacional suíça Nestlé, grande compradora de ingredientes lácteos, detentora de alta tecnologia para a fabricação de seus produtos e possuidora de marcas bem estabelecidas no mercado, e do outro a cooperativa neozelandesa Fonterra, maior exportadora mundial de leite (MILKPOINT, 2002). A Fonterra, possuidora dos menores custos de produção, transferiu parte de sua tecnologia para a Nestlé, enquanto a companhia neozelandesa teve acesso ao maior mercado da América Latina.

Segundo informações do *site* da Nestlé (2012), a empresa inaugurou cinco fábricas direcionadas para produção de lácteos nos últimos cinco anos (2007 em Araçatuba-SP, 2008 em Palmeira das Missões-RS, 2009 em Araraquara-SP, 2010 em Carazinho-RS e 2011 em Três Rios-RJ), fator que vem a contribuir para manutenção da liderança no mercado.

Figueira e Belik (1999) consideram que a aceleração do processo de aquisições lideradas por empresas privadas, principalmente as transnacionais, dominam o processo de concentração na indústria láctea brasileira. O processo de aquisições, tanto de grandes quanto de pequenos laticínios e cooperativas, permitiu às empresas privadas expandirem a sua base de captação e aumentar a escala de produção, com vistas a reduzir custos e atender o mercado nacional.

A partir da associação entre a Perdigão e a Sadia, em 2009, surgiu a Brasil Foods (BRF), nascendo assim um dos maiores *players* global do setor alimentício. A fusão foi autorizada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) em 2011, embora com algumas restrições. De acordo com relatório administrativo do BNDES (2009 apud FIEGHENBAUM; ROHENKOHL, 2012a), a BNDES Participações S.A. efetuou investimentos em participações societárias da BRF no montante de 450 milhões de reais em 2009. Porém, antes da criação da BRF houve por parte da Perdigão um importante movimento de aquisições de outras empresas, dando início a sua atuação no setor de lácteos.

Segundo dados do *site* da Brasil Foods (2009), em 2006 a Perdigão adquiriu 51% do capital social da Batávia S/A Indústria de Alimentos (detentora da marca Batavo, que em 2006 e 2007 ocupava, respectivamente, o 10º e o 12º lugar no ranking de maiores laticínios, com base no volume captado). A Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLP) e a Agromilk continuaram mantendo 49% do capital da Batávia até 2007, quando a Perdigão adquiriu a totalidade do capital social.

No ano seguinte, a empresa gaúcha Eleva, detentora da marca Elegê (que em 2007 era a segunda maior captadora de leite no País) também é adquirida pela Perdigão. A Elegê foi constituída por cooperativas que formaram em 1976 a CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite). Em 1996, o patrimônio da Elegê foi vendido para Avipal Alimentos, também pertencente a Eleva (MILKPOINT, 2004). No mesmo ano a Perdigão comprou a Cotochés, uma tradicional indústria láctea de Minas Gerais.

Em função dessas aquisições, a Perdigão se tornou em 2008 a segunda maior empresa do Brasil em volume de leite captado, mantendo a posição em 2009, com relativa folga, após a criação da Brasil Foods.

Fechando o movimento de fusões e aquisições ocorridas entre as maiores empresas de laticínios durante a década passada, em 2010 nasce a LBR, resultado da fusão entre a Bom Gostoea Leite Bom, tornando-se a maior operação privada do setor de laticínios (MILKPOINT, 2010). Conforme CONSELEITE (2010), a Leite Bom era controlada pela Monticiano Participações, empresa que tinha como acionistas a GP Investments e a Laep, controladora da Parmalat no Brasil. Para viabilizar a operação, a BNDESPar realizou um aporte de R\$ 700 milhões na LBR. Foram R\$ 450 milhões via aumento de capital e R\$ 250 milhões via subscrição de debêntures conversíveis em ações, que foram emitidas pela LBR. A BNDESPar já era acionista da Bom Gosto, na qual tinha uma participação de 34,6%. A LBR ficou com seu capital composto da seguinte forma: a Monticiano com 40,55% de participação, a BNDESPar com 30,28%, a Bom Gosto com 26,3% e o restante, 2,87%, ficou com o fundo CRP (acionista da Bom Gosto).

Atualmente, a LBR é possuidora das seguintes marcas: Parmalat, Poços de Caldas, Boa Nata, Líder, Leite Bom, Bom Gosto, Cedrense, DaMatta, Ibituruna, São Gabriel e Coroada. É importante ressaltar que em 2009 a Bom Gosto, a Parmalat e a Leite Bom ocupavam, respectivamente, o 3º, 5º e 6º lugares no ranking de maiores laticínios brasileiros em volume de captação, indicando um aumento da concentração na indústria.

De acordo com Fiegenbaum e Rohenkohl (2012, p. 13), “existe uma estratégia por parte do BNDES em capitalizar grandes empresas nacionais no setor de lácteos, para que as mesmas possam atuar no exterior”. Segundo os autores, formula-se a hipótese de que, em complementaridade as ações do BNDES, as empresas nacionais realizam fusões e aquisições visando aumentar sua receita e lucro líquidos, com o objetivo de colocarem ativos na bolsa de valores, ampliando assim a capacidade de investimento por parte dessas empresas.

Outro aspecto interessante é que as fusões e aquisições que ocorreram na década passada, tanto por parte da BRF quanto pela LBR, mantiveram as marcas originais, diferentemente de estratégia adotada pela Parmalat na década de 1990, quando era substituída a marca original. Isto pode estar atrelado ao valor do ativo que as marcas possuem por já estarem consolidadas no mercado (FIEGENBAUM; ROHENKOHL, 2012).

De acordo com Rodrigues (1999), nos lácteos é possível observar uma dinâmica distinta nos indicadores de rentabilidade de pequenos laticínios e cooperativas, em comparação às grandes empresas, a maioria estrangeira, que atuam em segmentos de maior valor agregado. Com o fim do tabelamento de preços e dos programas sociais de leite, cooperativas produtoras e pequenos laticínios viveram uma crise no início dos anos 1990. A partir de então, devido a sua frágil situação patrimonial e financeira, tornaram-se alvo de aquisições verticais por parte de grupos estrangeiros que buscavam expandir sua participação no mercado de captação de leite.

Frente às mudanças ocorridas no setor lácteo na década de 1990 e as dificuldades enfrentadas pelas cooperativas, não se pode ignorar o desempenho das cooperativas que conseguiram permanecer no ranking das maiores empresas de laticínios durante o período estudado. Papel de destaque desempenhou a mineira Itambé, que figurou entre

as quatro maiores todos os anos. Segundo informações do *site* da Itambé (2012), em 2002 ela aumentou expressivamente as suas exportações ao observar boas chances no mercado internacional e firmou uma parceria com a Sertrading (empresa de serviços de comércio exterior e distribuição de produtos), fundando a Serlac, *joint venturi* voltada para exportação de lácteos. Como resultado a exportação passou de 13 para 63 países, tornando-se a maior exportadora de lácteos do Brasil. De acordo informações da Sertrading (2012), em 2004 as exportações da Serlac representaram 33% das exportações de lácteos do Brasil.

3.2 A CONCENTRAÇÃO E A DESIGUALDADE ENTRE OS MAIORES LATICÍNIOS

3.2.1 A CONCENTRAÇÃO DA CAPTAÇÃO DE LEITE NO BRASIL

Estudos recentes, segundo Machado et al. (2008), indicam que não se confirmou o processo de concentração de mercado nos laticínios após a desregulamentação do setor em 1990 e que a importação de leite diminuiu. Os autores constataram que a participação de mercado dos laticínios, quanto à recepção de leite, guarda estreita relação com o volume financeiro de vendas, ou seja, o volume de leite que a empresa recebe dos produtores afeta diretamente o seu faturamento. Através do cálculo da razão de concentração (CR4, CR8 e CR15) concluíram que houve uma redução da concentração no setor de 1997 a 2004 e um leve aumento em 2005 e 2006, os últimos anos analisados. Ainda segundo os autores, esse aumento da concentração em 2005 e 2006 decorre da queda da Parmalat no ranking de recepção de leite e coincide com a ampliação da participação de mercado das demais empresas que compunham o CR4 (DPA, Itambé e Elegê).

A Tabela 1 apresenta o número de unidades captadoras de leite e a quantidade de leite adquirido no Brasil no período de 2000 a 2011.

Tabela 1 – Número de Laticínios e volume de leite adquirido (2000-2011)

Ano	Número de unidades	Variação (%)	Quantidade de leite adquirido (mil litros)	Variação (%)
2000	7.543	-1,45	12.107.741	8,63
2001	7.765	2,94	13.212.445	9,12
2002	7.714	-0,66	13.218.929	0,05
2003	7.962	3,21	13.627.206	3,09
2004	8.214	3,17	14.495.146	6,37
2005	8.487	3,32	16.284.268	12,34
2006	8.689	2,38	16.669.743	2,37
2007	8.362	-3,76	17.888.644	7,31
2008	8.294	-0,81	19.285.077	7,81
2009	8.220	-0,89	19.601.655	1,64
2010	8.142	-0,95	20.975.503	7,01
2011	8.256	1,40	21.798.880	3,93

Fonte: Elaborada com base nos dados do IBGE/SIDRA (2012).

Enquanto o volume adquirido pelas empresas aumenta ano após ano, ininterruptamente, o número de unidades receptoras, com exceção de uma pequena

redução em 2003, aumenta até 2006, passando a diminuir a partir de então, com uma nova elevação somente em 2011. Portanto, o volume de leite adquirido pelas empresas vem crescendo mais do que o número de empresas captadoras.

Com exceção dos anos de 2003 e 2006, sempre a variação do volume adquirido é maior do que a variação no número de laticínios, indicando um aumento na escala de produção por parte das empresas, ou pelo menos por parte de algumas delas, sugerindo estar em curso um processo de concentração na indústria, principalmente após 2006.

Os valores encontrados para a razão de concentração dos quatro maiores laticínios (CR4) mostram que nos primeiros anos da série analisada houve uma importante queda. Em 2000 o CR4 era de 31,87% e em 2004 chegou a 23,89%, o menor valor do período. O mesmo comportamento foi observado para as oito (CR8) e doze (CR12) maiores firmas (Gráfico 1). Esses resultados vão ao encontro dos obtidos por Machado et al. (2008), que constataram uma redução da concentração entre 1997 e 2004.

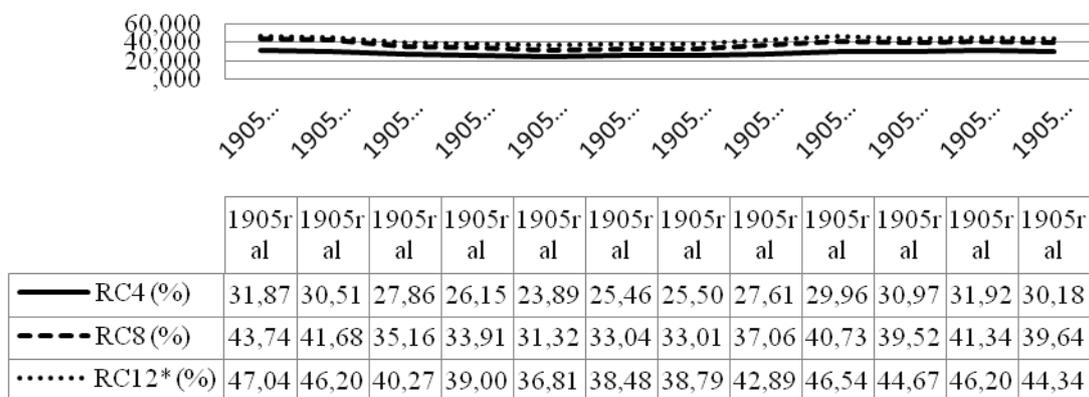


Gráfico 1 – Razão de Concentração (RC) na indústria brasileira de laticínios (2000 -2011)

Fonte: Elaborado a partir de dados da LEITE BRASIL, CNA/Decon, OCB/CBCL, EMBRAPA/Gado de Leite e IBGE/SIDRA.

* As percentagens dos anos 2000 e 2001 são do CR11.

A partir de 2005 as razões de concentração voltam a se elevar até 2008, permanecendo relativamente estáveis a partir de então. Todas as medidas de concentração apresentaram um padrão de comportamento muito próximo no período analisado, variando ligeiramente em sentido e magnitude, como mostra o Gráfico 1.

A redução da concentração até 2004 e sua posterior elevação ocorre porque há um aumento da captação de leite pelas empresas que não fazem parte das doze maiores da indústria, ou seja, as empresas menores passaram a comprar uma proporção maior do leite produzido no campo (Gráfico 2). Enquanto as razões de concentração dos quatro (CR4), oito (CR8) e doze (CR12) maiores laticínios atingiram o menor valor em 2004, ocorre o inverso com a participação das demais empresas da indústria, pois atingiram o maior percentual de captação no referido ano.

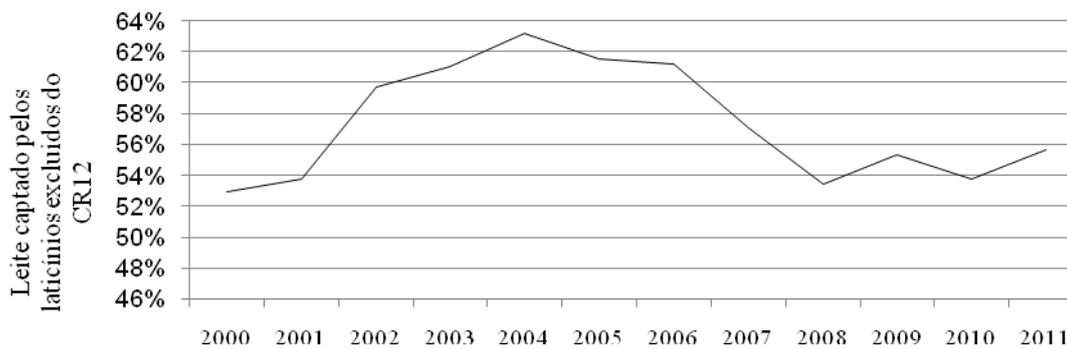


Gráfico 2 – Volume de leite captado pelas empresas que não estão entre as doze maiores da indústria no período de 2000 a 2011*

Fonte: elaborada a partir de dados da LEITE BRASIL, CNA/Decon, OCB/CBCL, EMBRAPA/Gado de Leite e IBGE/SIDRA.

*Para os anos de 2000 e 2001 foram excluídos os 11 maiores laticínios.

Portanto, houve de 2000 a 2004 uma desconcentração na indústria de laticínios quanto ao volume de leite captado pelas maiores empresas. Um fator que contribuiu para a redução da concentração foi a queda da Parmalatna captação de leite em 55,8%, a mesma que na década anterior foi líder em aquisições e investimentos no País. Neste período ocorreram poucos movimentos de fusões e aquisições envolvendo as empresas líderes do ranking. Mesmo assim, cabe destaque a criação da DPA, parceria entre a suíça Nestlé e a neozelandesa Fonterra, empresa líder de 2000 a 2011.

Fiegenbaum e Rohenkohl (2012) constataram que novas empresas entraram no grupo das dezesseis maiores da indústria a partir de 2003. Os autores apontaram como motivo a difusão de inovações até então restritas a algumas empresas, como o processo UHT e de embalagens duráveis. Ainda para os autores, a entrada também ocorre “pela existência de uma demanda insatisfeita, devido à melhora das taxas reais de salário mínimo médio e ao aumento do número de famílias que foram incluídas em programas sociais, tornando ineficazes as barreiras à entrada” (p. 11-12).

A partir de 2005 o volume de captação das maiores empresas (doze) em relação ao total voltou a aumentar, principalmente por parte das quatro primeiras do ranking, ocasionando um movimento de aumento da concentração. Nos últimos anos do período analisado, é possível associar o aumento da concentração ao movimento de fusões e aquisições ocorrido entre grandes empresas do setor.

3.2.2 A DESIGUALDADE ENTRE OS MAIORES LATICÍNIOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

O índice de Herfindahl-Hirschman (HH) foi calculado para os quatro (HH4), oito (HH8) e doze (HH12) maiores laticínios do Brasil, como se os diferentes grupos formassem a indústria. O HH permite verificar o grau de desigualdade entre um grupo de empresas, o que não foi captado pelo CR. Um grupo de empresas pode apresentar a mesma participação no mercado de um ano para outro, porém dentro dele pode haver uma empresa que elevou a sua parcela em detrimento de outra. É esse movimento que o índice de Herfindahl-Hirschman busca captar na pesquisa e quanto maior os HH, mais

desigualdade as empresas de cada grupo da indústria. O Gráfico 3 apresenta a tendência e os valores encontrados para o HH4, HH8 e HH12, no período de 2000 a 2011.

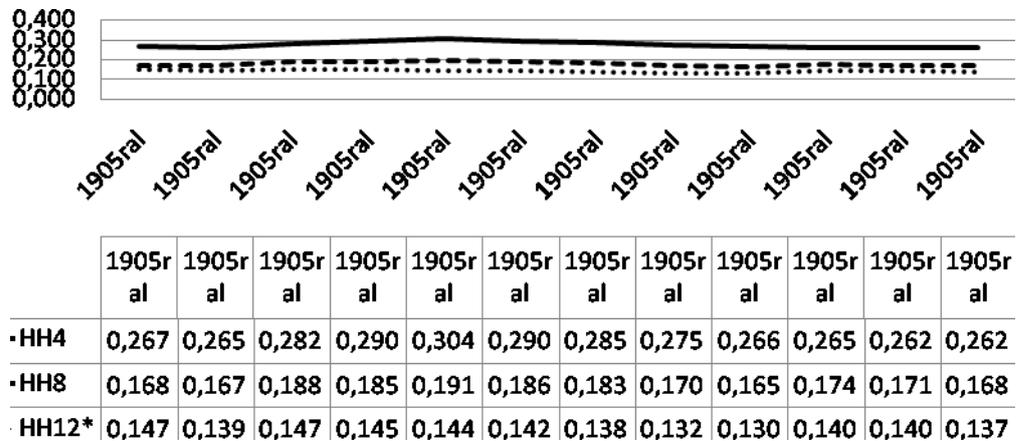


Gráfico 3 – Índices Herfindahl-Hirschman (HH) para os quatro, oito e doze maiores laticínios da indústria brasileira, no período de 2000 a 2011

Fonte: Elaborado a partir de dados da LEITE BRASIL, CNA/Decon, OCB/CBCL, EMBRAPA/Gado de Leite e IBGE/SIDRA.

*Para os anos de 2000 e 2001 foram considerados os 11 maiores laticínios.

O valor que corresponde a perfeita igualdade do HH4 é 0,25 (1/4). Observando os valores de HH4 ao longo da série calculada, constata-se que os índices não estão muito acima do mínimo (6,8% em 2000 e 4,9% em 2011), o que sugere certa igualdade na captação do leite pelas maiores empresas. Além disso, o maior índice ocorre em 2004 e coincide com o ano de menor CR4. Portanto, no referido ano ocorreu a menor concentração e a maior desigualdade entre as 4 (quatro) maiores empresas da indústria, o que pode ser explicada pela redução na captação de leite da Parmalat, já mencionada no subitem anterior.

Para o HH8, o qual tem o valor mínimo igual a 0,125 (1/8), o maior índice também ocorre em 2004 e depois cai continuamente até 2011, o que indica que as empresas menores do grupo ganharam participação. Mesmo assim, tanto em 2000 como em 2011 o HH8 estava 34,4% acima do valor mínimo.

O HH12 tem um valor mínimo de 0,083 (1/12) e mostra que a diferença na captação de leite entre as doze maiores empresas é superior do que nos demais grupos, uma vez que era 77,1% em 2000 e 65,1% em 2011. Com essas observações, pode-se admitir que a desigualdade cresce entre os laticínios quando aumenta o número de integrantes no grupo.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa avaliou a concentração e a centralização do capital na indústria de laticínios brasileira no período de 2000 a 2011 e constatou que no início da série analisada a concentração cedeu, mas voltou a crescer a partir de 2005. De 2000 a 2004 caiu a participação na captação de leite dos doze maiores laticínios porque as empresas

menores passaram a comprar mais da produção, o que levou a uma queda na participação por parte dos grandes compradores doranking.

Em 2005, inicia-se um contínuo aumento da concentração, para o CR4, CR8 e CR12. Esse processo coincide com uma mudança na estrutura da indústria, causado pelo aumento da centralização do capital, principalmente através de fusões e aquisições. Entre as mais importantes está a aquisição da Batávia e da Elegê pela Perdigão e a criação dos grupos Brasil Foods (BRF), fusão da Sadia com a Perdigão, e Lácteos Brasil (LBR), fusão dos laticínios Bom Gosto e Leite Bom. Além disso, houve um aumento nos investimentos realizados pela Nestlé, que de 2007 a 2011 inaugurou uma fábrica por ano, e foram criadas duas *joint ventures*, ambas fortalecendo a atuação das empresas no mercado, a DPA, entre a Nestlé e a Fonterra, e a Serlac, uma parceria entre a Sertrading e a cooperativa Itambé.

A pesquisa também revelou que existe desigualdade entre os grandes laticínios, especialmente entre os doze maiores. Dos três grupos analisados (HH4, HH8 e HH12), os índices do final da série foram menores do que no início para os quatro e doze maiores compradores de leite, mas igual para o HH8. A desigualdade diminuiu pela redução na captação do maior comprador (DPA) e pelo crescimento dos menores, em termos relativos.

REFERÊNCIAS

ANGRAD. **Tendência de concentração das indústrias de laticínios - implicações na mudança do perfil gerencial.** Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, 2008. Disponível em: <http://www.angrad.org.br/area_cientifica/artigos_de_divulgacao/tendencia_de_concentracao_das_industrias_de_laticinios_implicacoes_na_mudanca_do_perfil_gerencial/648/>. Acesso em: 02 mai. 2012.

BRASIL FOODS. Empresas BRF. **Cronologia.** 2009. Disponível em: <<http://www.brazilfoods.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

BYRNS, R. T.; STONE JR., G. W. **Microeconomia.** São Paulo: Makron Books, 1996.

CONSELEITE. **Com apoio do BNDES, Bom Gosto e GP criam empresa de R\$ 3 bi.** 2010. Disponível em: <<http://www.conseleite.com.br/?p=noticias&id=279&ano=2010&mes=12>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Produtividade animal em países selecionados.** Disponível em: <<http://www.cnpqgl.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/producao/tabela0219.php>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

FAO. Food and Agriculture Organization. Disponível em: <www.faostat.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2012.

FIGEENBAUM, J.; ROHENKOHL, J. E. A expansão da indústria do leite: uma análise das estruturas de mercado no Brasil entre os anos de 2004 a 2010. In: CONGRESSO DA SOBER, 50., 2012. **Anais...** Vitória, 2012.

FIGUEIRA, S. R.; BELIK, W. Transformações no Elo Industrial da Cadeia Produtiva do Leite, **Revista Cadernos de Debate**, v. VII, p. 31-44, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=74&z=p&o=30&i=P>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

ITAMBÉ. 2012. Disponível em: <<http://www.itambe.com.br/pagina/127/conheca-a-itambe---a-empresa---mercado-externo.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

JANK, M. S.; GALAN, V. B. **Competitividade do Sistema Agroindustrial do Leite**. São Paulo: USP-PENSA, 1999.

KON, A. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

LEITE BRASIL. **Maiores empresas de laticínios – Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.leitebrasil.org.br>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

MACHADO, E. A.; GARCIAS, P. M.; ALMEIDA, L. B. de; MORCH, R. B.; BACARJI, A. G. **Endogenia entre as variáveis de Estrutura-Condução-Desempenho: estudo empírico na indústria de laticínios do Brasil (1997-2006)**. 2008. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/11semead/resultado/trabalhosPDF/608.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

MARION FILHO, P. J. M.; MATTE, V. A. Mudanças institucionais e reestruturação na indústria brasileira de laticínios (1990-2000). **Revista Economia e Desenvolvimento**, n. 18, p. 48-72, 2006.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, cap. XXIII.

MILKPOINT. **LeitBom e Bom Gosto concretizam fusão**. 2010. Disponível em: <<http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/leitbom-e-bom-gosto-concretizam-fusao-68464n.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

_____. **Elegê tem interesse na unidade da Parmalat no RS.** 2004. Disponível em: <<http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/elege-tem-interesse-na-unidade-da-parmalat-no-rs-18077n.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

_____. **Parceria entre Nestlé e Fonterra sai do papel.** 2002. Disponível em: <<http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/parceria-entre-nestle-e-fonterra-sai-do-papel-13909n.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

NESTLÉ. 2012. Disponível em: <<http://www.nestle.com.br>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

RESENDE, M.; BOFF, H. Concentração industrial. In: KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. (Org.). **Economia industrial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, cap. 4.

RODRIGUES, R. I. Empresas Estrangeiras e Fusões e Aquisições: Os Casos dos Ramos de Autopeças e de Alimentação/Bebidas em Meados dos Anos 90. **Texto para discussão**, n. 622, Brasília, 1999.

SANTANA, M. A. M. **Mudanças estruturais e suas implicações na conduta e no desempenho da cadeia láctea gaúcha na década de 90.** 2003. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SERTRADING. 2012. Disponível em: <<http://www.sertrading.com/essencia.html>>. [Acesso em: 10 dez. 2012.](#)